

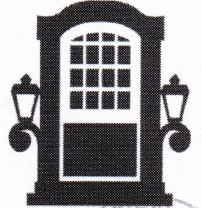


500000019942

# Câmara de Vereadores de Ouro Preto

CUIDANDO DO NOSSO MAIOR PATRIMÔNIO: AS PESSOAS

Gabinete do Vereador Alex Brito



PROJETO DE RESOLUÇÃO: 684/24



Concede a Comenda Mérito Educacional ao Sr Joel Fernando Penna.

A Câmara Municipal de Ouro Preto, DECRETA:

**Art. 1º** - Fica concedido o Título de " Mérito Educacional " ao **Sr Joel Fernando Penna**, pelos relevantes serviços prestados na Educação em Nosso Município.

**Art. 2º** - Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

**Art. 3º** - Revogam-se as disposições em contrário.

Sala de Sessões, 19 de Fevereiro de 2024.

ALEX SILVA DE BRITO:07612256681

Assinado de forma digital por ALEX SILVA DE BRITO:07612256681  
Dados: 2024.02.19 15:55:37 -03'00'

Vereador Alex Brito - CIDADANIA

Câmara Municipal de Ouro Preto

Protocolo

Nº 42841

Correspondência Recebida

Em 19/02/24

Ass. VERA Hs e 14h59 Min



Ouro Preto



Meu nome é Joel Fernando Penna, sou professor desde quando cursava graduação em Engenharia de Minas, no início da década de 1980, lecionando Matemática na rede estadual de ensino como professor autorizado. Já naquela época eu reconhecia a importância do educador e percebia minha alegria em estar dentro de uma sala de aula transmitindo e recebendo conhecimento. Assim, meus saberes docentes foram se formando através da minha própria experiência, me levando a afastar da ideia de ser engenheiro. Com o meu desejo voltado à dedicação às salas de aula, resolvi me desligar da UFOP e, aproveitando as disciplinas já cursadas da área de exatas, ingressei na Faculdade de Formiga onde concluí, no final da década de 90, o curso de Licenciatura em Ciências, que na época fornecia habilitação para lecionar Ciências e Matemática na educação básica.

Minha experiência enquanto professor foi sendo conquistada ao longo de períodos curtos em várias escolas da rede estadual e municipal da cidade de Ouro Preto. Reconheço como uma grande virada na minha vida de professor o período em que comecei a atuar nos projetos da rede estadual “Acertando o Passo” e “Caminhos da Cidadania”, e em projetos da prefeitura de Ouro Preto em parceria com o SENAI voltados à educação de adultos, principalmente os trabalhadores da antiga ALCAN.

Na relação com esses alunos adultos e trabalhadores eu aprendia muito, foi onde comecei a entender que se tinha que ensinar em função do saber dos alunos e comecei a me distanciar da rigidez dos livros didáticos. Após concurso público, me efetivei na Prefeitura Municipal de Ouro Preto em 2001, passando a dar aula na “Escola da Barra”, pioneira da cidade na educação de jovens e adultos (EJA) enquanto política pública conhecida atualmente. Nessa escola, trabalhei com alunos de todos os bairros de Ouro Preto com idade que variava de 16 a 80 anos e essa diversidade me levou a ressignificar toda minha didática e minha proposta de trabalho, principalmente no que diz respeito aos conteúdos a serem desenvolvidos.

Segundo minha experiência como professor, em uma educação voltada para jovens e adultos é fundamental observar que a maioria dos alunos passaram por um período de escolarização, mesmo que incompleto. Período no qual a matemática tradicional ensinada nas escolas normalmente gerou grande temor e dificuldade.

A partir de realidades como essa, é que considero importante haver um momento de rompimento com uma matemática difícil e incompreendida para



considerar “uma etnomatemática não aprendida nas escolas, mas no ambiente familiar, no ambiente de brinquedos e de trabalho, recebida de amigos e colegas.” (D’AMBRÓSIO, 2001, p.22). Essa “matemática” oriunda do saber cotidiano do padeiro, do balconista, do pedreiro, do trocador da lotação, do frentista do posto de gasolina, da costureira, da quitandeira, enfim, a matemática da rua que surge da necessidade de resolver situações e problemas. Como nos diz D’ Ambrósio:

O cotidiano está impregnado dos saberes e fazeres próprios da cultura. A todo instante, os indivíduos estão comparando, classificando, quantificando, medindo, explicando, generalizando, inferindo e, de algum modo, avaliando, usando os instrumentos materiais e intelectuais que são próprios à sua cultura. (D’ AMBRÓSIO, 2001, p.22).

Da minha relação com a Educação de Jovens e Adultos, surgiu meu trabalho de pós graduação, na UFSJ em convênio com a Secretaria de Educação de Ouro Preto em 2008, denominada “O ensino da matemática na educação de jovens e adultos nas séries finais do ensino fundamental das escolas públicas municipais de Ouro Preto.”

No ano de 2004, ao passar no concurso público do Estado de Minas Gerais, me efetivei na Escola Estadual Antônio Pereira, onde encontrei mais um desafio. Apesar de ser uma escola regular, eram alunos com extrema defasagem de conhecimento e imersos em questões sociais complexas. Porém, mesmo com todas as dificuldades, eu me apaixonei por aquela escola. Lembro-me de Rubem Alves (2004, p.20) quando diz que “toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva. É a fome que põe em funcionamento o aparelho pensador. Fome é afeto. O pensamento nasce do afeto, nasce da fome.” Para ensinar naquela escola, foi preciso mudar o meu conceito de sala de aula, abraçar aqueles alunos e alunas para além de uma transmissão de conhecimento da Matemática, assumindo-os no seu espaço, compreendo as questões sociais e afetivas que permeavam aquela realidade. Percebi que não adiantava querer ensinar, foi preciso acreditar e inventar uma forma totalmente revolucionária.

Após a efetivação em dois cargos, um na rede estadual e um na municipal, minha estabilidade profissional estava consolidada, bastando investir na carreira e aprimorar sempre a minha prática. Devido às dificuldades, principalmente de deslocamento, visto que a escola localizava-se em um distrito distante da cidade de Ouro Preto, consegui transferência de Antônio Pereira para a Escola Estadual Marília de Dirceu, local onde trabalho até hoje. O que mais me surpreendeu ao



começar a lecionar no Marília foi a “cultura da bomba”, o uso da nota como principal instrumento para se conseguir disciplina. Meu trabalho num primeiro momento foi marcado por uma rigidez de conteúdo muito grande, assumi isso lá, diferentemente do que fazia na EJA porque tinha a visão de que precisava formar meus alunos para ingressarem no CEFET, acreditando ser uma escola de ensino médio de altíssima qualidade na região e essa escola oferecia um ensino tecnicista. Pautado nesse objetivo, eu obtinha resultados satisfatórios. Desenvolvia os conteúdos em sala de aula, seguindo o livro didático, e fazia um trabalho com os pais e os alunos acerca da tranquilidade, responsabilidade e organização necessárias para se ingressar e formar na rede federal.

Meu modo de ensinar mudou mais uma vez quando a professora Ana Cristina da UFOP desenvolveu na nossa escola um curso de quase dois anos de duração com alguns alunos do PET, propondo ensinar matemática de forma contextualizada com jogos, brincadeiras, desafios, etc. Nesse momento, eu comecei a perceber que a Matemática escolar só tem sentido se tiver por objetivo a resolução de problemas. Entendi também a necessidade do próprio ensino tecnicista do CEFET mudar, ao invés dessa forma de ensinar pautar os meus fazeres em sala de aula.

Nos últimos anos, as avaliações externas (PROEB, IDEB) acabaram por embasar bastante minha prática docente, não só pelo reconhecimento da escola através da nota, mas porque trazem também a mesma visão de resolução de problemas que eu tive contato com os alunos do PET e entendo ser o caminho da educação Matemática. A partir daí, investi muito nos meus alunos dentro dessas questões contextualizadas e das noções de competências e habilidades.

Acredito que uma das grandes dificuldades que ainda encontro é em trabalhar com os professores da área, há uma falta de comunicação entre os professores, uma dificuldade em nos aproximar para trocar experiências. Em 2012, eu assumi a vice direção na Escola Estadual Marília de Dirceu, têm sido uma experiência educacional muito boa visto que tenho assumido questões pedagógicas e de gestão da escola.

Ingressar no OBEDUC, me criou uma expectativa muito grande, percebi que era um professor extremamente prático, porém com pouco embasamento teórico no que diz respeito aos estudos educacionais. Foi assustador porque eu, que sempre



dominei a prática de sala de aula, de repente me vi totalmente desprotegido diante de um novo saber, trazido pela leitura e estudos de textos voltado à formação continuada e desenvolvimento profissional. No início, quando vi os doutores, mestrados e alunos pesquisadores me senti vazio, mas quando abriam discussões para se poder falar, eu ficava à vontade. Como diz Paulo Freire, "Não há saber mais, nem saber menos, há saberes diferentes." (1987, p.68) Eu começo a entender que por mais que você tenha a prática é com a teoria que você vai avançar nos conhecimentos. Ela te dá suporte, razão, confiança e, inclusive, o direito de discordar. A experiência no OBEDUC me faz enxergar que eu preciso conhecer esse outro lado, o lado acadêmico, teórico, e que é preciso saber se fundamentar para ser ouvido. A minha prática a princípio, é apenas minha, mas para transmiti-la e compartilha-la eu preciso escrevê-la, fundamentá-la teoricamente, pois sozinha ela fica vazia. As discussões no OBEDUC me fazem pensar também que a proposta do PIBID deveria funcionar continuamente. Não deveria ser apenas um projeto do qual alguns participam, deveria ser para todos os alunos, inserida no currículo dos cursos de licenciatura. A minha participação nessa pesquisa veio concretizar um pensamento que já trazia há muito tempo, de que não quero ser um matemático, mas sempre buscar me tornar um educador matemático. Não tenho dúvida de que essa experiência irá me auxiliar a futuramente poder fazer o mestrado em educação matemática.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. O desejo de ensinar e arte de aprender. Campinas: Fundação EDUCAR DPaschoal, 2004.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática**- elo entre as tradições e a modernidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.



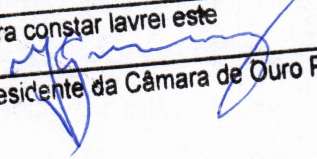
DISTRIBUIÇÃO

Aos 20 de Janeiro de 94

Distribuo este processo à comissão especial

- 1. Antônio Carlos Kury
- 2. Raoni Maria Rêgo

Do que para constar lavrei este

  
Presidente da Câmara de Ouro Preto

